

ALKANTARA  
NO SÃO LUIZ



ALKANTARA.PT

FESTIVAL  
INTERNACIONAL  
DE ARTES  
PERFORMATIVAS

# A ONDA

## DE NACERA BELAZA

### Como é que a força dos rituais alimenta a tua nova criação?

Eu passei muito tempo observando, absorvendo certas danças tradicionais, próximas do ritual. O movimento do ritual fascina-me: qual a origem da sua consistência? Qual é o seu motor? O que o dota desta densidade, desta força? O que o anima? Como é que se consegue encontrar a força dos seus gestos? Como se consegue encontrar a intensidade, esta densidade interna que é a sua razão de ser? No ano passado, eu tive acesso ao Centro de Pesquisa de Danças Tradicionais da Argélia. Nutriu-me. Depois, de forma a poder trabalhar na minha coreografia, tive que apagá-lo, para me distanciar de uma certa literalidade. Não é porque fiquei dois meses em frente ao mar ou ao deserto, que eu vou falar do mar ou do deserto. É mais uma questão do impacto que tem em mim, o que preenche e o que esvazia. Eu não me permito a imitação. Eu não copio, eu trabalho com filtros. Eu sou mais sensível à essência das coisas que às suas formas e libertei-me da influência da sedução. Eu privilegio o significado e a coerência. Sim, eu deixei-me imergir nestas danças, mas depois começo do vazio, das minhas pequenas imagens com as quais teço o meus meus trabalhos.

### Como é que esta nova criação refina o teu processo de pesquisa?

Eu digo sempre que os meus trabalhos se inscrevem um na continuidade do outro, o que não implica a continuidade em termos do gesto. Eu trabalho de acordo com um princípio de imagens, e estas imagens nunca são as mesmas de

uma peça para a outra. Podem ser tão distantes como um movimento percussivo e infinito: não é a mesma linguagem, não define os mesmos gestos ou o mesmo corpo. Ainda assim, há uma lógica na correspondência entre trabalhos. Eles esticam uma linha que segue o seu curso, enquanto representa, na totalidade, cada uma das explorações.

### Um certo sentido de desenho detalhado, a densidade do gesto, a intensidade da presença – de que forma inseres cada um destes aspetos da tua dança em cada nova criação?

O tratamento da luz, do som, do espaço vazio e o papel do intérprete ou intérpretes, que consiste em abraçar esta totalidade, são as bases comuns a cada trabalho, mas cada imagem com que começo permite-me explorar o gesto, sempre de forma diferente. Tenho curiosidade de aprender novas linguagens com o meu corpo. A exploração torna-se interessante precisamente neste ponto: deixando de ser movimento repetitivo para se tornar circularidade, movimento percussivo. Acho fascinante.

Excerto de entrevista a Nacera Belaza, por Smaranda Olcèse, durante a residência «Fenêtre sur résidence» no ICI CCN, Montpellier, em novembro de 2019

# GISHER | ԳԻՇԵՐ

## DE GIORGIA OHANESIAN NARDIN

### Em *gisher* | ԳԻՇԵՐ mostras e usas um pêndulo. Dizes: “Um pêndulo em vez de uma bússola. Na minha tentativa de baralhar orientações, oscilações, os padrões circulares/diagonais/lineares tornam-se gramática.” Fala-me deste objeto. Como o usas? É um elemento recorrente na tua prática artística?

O pêndulo é um objeto que comecei a usar há cerca de um ano atrás e que me atraiu muito. [...] O que me interessou no pêndulo foi ver a manifestação visual de tensões relacionadas com energia. Eu gosto muito de gravar a minha voz ou anotar palavras que o meu corpo me oferece quando uso o pêndulo. É uma ferramenta que é também usada na hipnose, que de alguma forma altera o plano de percepção e responde ao corpo de uma forma muito precisa. Logo, muitos textos em *gisher* | ԳԻՇԵՐ surgiram do uso do pêndulo.

### A coragem é um dos temas centrais em *gisher* | ԳԻՇԵՐ, ou melhor, a recusa da coragem, do conhecimento ou desconhecimento sobre a nossa fragilidade, consciente ou subconsciente. Na verdade, no texto dizes que não és corajoso e que não o queres ser. Existem situações em que sentes que queres ser corajoso ou que simplesmente o tens que ser? Se existem, quais são elas?

‘Coragem’ é uma palavra que é frequentemente imposta sobre mim pelos outros e que implica a possibilidade de apoiar ou segurar os outros. O meu problema com esta palavra é que coragem e intenção são duas coisas diferentes e eu

não faço o que faço porque tenho coragem ou porque tenho uma força inata. Eu faço as coisas que faço porque não conseguiria fazer de outra forma, porque se não as fizesse, eu desapareceria na vasta e complexa bacia da assimilação, o que é um privilégio e um trauma ou mesmo tempo; eu desapareceria nas leituras que são feitas sobre o meu corpo. [...] Eu não quero permitir que a narrativa de “apesar de tudo, Giorgia é corajoso e, portanto, consegue”, continue. Em geral eu tenho medo. Eu quero tratar deste medo e quero que emergam narrativas em que corpos que não estão em conformidade — de género, de etnia, pontos de vista, etc — não tenham que ser explorados. Há também uma questão ligada à valentia dos corpos que não estão em conformidade, que é muito violenta, pelo menos no que me diz respeito, e que é projetada nas pessoas, ainda que haja trauma, dor e sofrimento por detrás.

O trabalho que tento fazer com as palavras é procurar a possibilidade da linguagem ser menos devastadora e incompleta do que é neste momento, isto é um facto; ou que, quando usamos uma linguagem, perdemos o ponto de vista, por isso muitas vezes usamos as mesmas palavras, pensando que significam as mesmas coisas, mesmo quando não é esse o caso. Eu quero olhar para a complexidade do uso que fazemos das palavras e olhar para como a linguagem se forma e molda dependendo de quem a usa e a domina. Que linguagem usamos e porque a estamos a usar desta forma? E como pode ser moldada de forma a possibilitar-me estar no presente das palavras? É possível?

Excerto de entrevista a Giorgia Ohanesian Nardin, por Celine Angbeletchy, publicada a 07/09/2020, na Griot Magazine (griotmag.com).

# CUTLASS SPRING

## DE DANA MICHEL

**Quais são as tuas expectativas em relação ao público? Que dimensões é que isso traz para o teu trabalho e como é que o constróis tendo em conta estas possibilidades?**

Uma das coisas que mais amo é chegar a algum sítio e receber uma reação ao meu trabalho que nunca teria previsto. Por exemplo, Chicago foi o primeiro lugar em que o público era predominantemente negro. Pode parecer: “Meu Deus! Isto é tão emocionante! O meu povo!” Mas senti-me muito desconfortável. Estava muito assustada. Pensei: “Meu Deus. O que significa isto? Estar numa sala com pessoas com a minha cor de pele deixa-me mais desconfortável? Que porra faço com isso? Num trabalho em que estou a falar exatamente sobre esta existência e estou mais desconfortável?” Quer dizer, é lindo. Então, isso dialoga com o trabalho. E é uma sensação que eu podia ter previsto, mas não podia ter antecipado tudo que daí surgiu e o que isso produziu.

**Sinto que a performance é um espaço de libertação para ti. Sentes que o sexo tem um papel na libertação?**

Não sei se tenho as palavras. É por isso que crio peças, para poder pular para dentro da questão e, eventualmente, ter respostas. A minha abordagem também é: sobre quem tenho mais autoridade como ser humano? Isso seria eu. Sinto-me confortável a abordar estas questões através do meu próprio corpo. E sinto-me bastante confiante de que a minha pessoa não é muito original. A minha pessoa está conectada a milhões e milhões de pessoas. Tudo bem se for só eu a falar sobre as minhas próprias particularida-

des, porque elas estão conectadas às particularidades de todas as outras pessoas. Claro, é interessante a âncora da cor da minha pele, a âncora da minha genitália, a âncora do que isso gera quando é apresentado na esfera pública e tem a palavra sexo ligada a ela. Gera algo imediatamente. E isso deixa-me curiosa. Espero que as pessoas possam interessar-se pelas suas próprias reações e interessar-se pelas conexões que estão a fazer.

**Estou curiosa sobre o nome da peça. O que queres dizer com CUTLASS SPRING?**

CUTLASS SPRING, como todos os títulos, é apenas um pequeno quebracabeças. Vou dizer só algumas coisas, porque poderia falar por muito tempo. “Cutlass”...Penso em Santa Lúcia, penso no meu avô, e penso num cutelo. Um cutelo é uma ferramenta de cortar coisas que é muito comum nas Caraíbas. No outro dia, vi um vídeo passado em Trinidad em que alguém tem um pedaço de bolo delicioso e pega no seu cutelo. É uma faca enorme e ele corta um pedaço de bolo e dá a alguém. E eu penso: “Ah, as Caraíbas!” Está cheio de exageros. É tão bonito. “Cutlass” traz à tona as Caraíbas, muito vividamente. Penso em abrir uma clareira num campo com uma grande faca. E abrir espaço. Isso conecta-se com “spring” [primavera], que é um momento de novidade, um momento de mudança e reflexão. O meu pai usava sabonete Irish Spring, nos anos 80, quando eu era criança. É um sabonete que foi muito comercializado nos anos 80. De uma maneira um pouco sensual. Quer dizer, tudo era sensual nos anos 80. Isso faz-me pensar em adolescentes, hormonas hiperativas e sensualidade.

Excerto de entrevista a Dana Michel, por Raquel Lima, para o Alkantara Festival, em novembro de 2020. Vídeo da entrevista disponível no canal de youtube do Alkantara.

# VELHOS

## DE FRANCISCO CAMACHO

**Danças profissionalmente há mais de 30 anos e não tens vontade de abandonar a dança e o palco. Houve algum momento em que te sentiste velho?**

Sim. Sinto-me velho. Eu quero continuar a dançar, mas não é que eu me sinta novo. Há uns momentos em que de repente sente-se a idade. Coisas musculares, que tem a ver com a resistência, com o cansaço, com a concentração. Sinto que houve coisas em mim que mudaram. Por exemplo, se é um espetáculo muito longo, hoje em dia como intérprete, eu tenho que salvaguardar que em caso de necessidade tenho que ir à casa de banho. Há coisas físicas que se colocam. Não é que me sinta novo, não sinto. Também não sinto que esteja pronto para parar de dançar. Essas questões não me impossibilitam de dançar. Não são coisas incontornáveis mas podem ser tomadas em conta.

**O título da peça é VELHOS com um “A” de anarquismo. Podes falar sobre este espírito anarquista do trabalho?**

Tem a ver com esse potencial que nós temos sempre de romper coisas. E aqui é também romper esse estereótipo na cabeça das pessoas que os velhos fazem sempre as mesmas coisas e já não podem dizer nada de novo nem marcar uma diferença. Já deram tudo o que tinham a dar e portanto agora é só deixá-los lentamente a definharem. Tem a ver com esta capacidade disruptiva e de subversão e funciona como uma provocação. É certo que este A anarquista também permitia ter “velhas” e “velhos”, o “a” e o “o”.

**Porque é que achaste que era importante alargar esta reflexão sobre a idade na dança para além do espetáculo?**

Foi por causa das audições. Tanto em Lisboa como em Itália vieram muitas pessoas não só dos países locais mas também de fora. E as pessoas ficaram muito contentes porque finalmente podiam ir a uma audição. Já tinham deixado de ir a audições porque estava escrito o leque etário e estavam excluídas, ou mesmo se não tivesse, havia um total desinteresse a partir do momento em que percebiam a idade deles e delas. Haver uma audição que lhes era dirigida foi um motivo de regozijo imenso. Se proporcionarmos momentos de familiaridade entre as pessoas, em que elas se sentem protegidas num espaço onde sabem que vão ser acolhidas que lhes é destinado, elas não têm que lutar para se impor e para lhes ser reconhecido o valor. Senti que fazia sentido criar momentos mais protegidos para as pessoas se encontrarem. Depois também a parte teórica — as coisas só existem se as dissermos e falarmos delas. Também a importância de se alargar esta questão para o exterior. Há um paradigma ocidental fortíssimo que só começou a ser questionado há pouco tempo, como uma questão de discriminação. Aqui em Portugal, onde temos uma dinâmica importante na dança contemporânea, é uma discussão que não podemos passar ao lado.

Excerto de entrevista a Francisco Camacho, por Carla Nobre Sousa e David Cabecinha, 4 de novembro de 2021



DANÇA  
19 NOVEMBRO  
**L'ONDE**  
NACERA BELAZA

Sala Luis Miguel Cintra  
sexta, 20h  
Duração: 50 min.; M/12  
€12 a €15 (com descontos)

Coreografia, Som e Desenho de luz: Nacera Belaza; Intérpretes: Nacera Belaza, Aurélie Berland, Bethany Emmerson, Magdalena Hylak, Mohammed Ech Charquaouy; Técnico: Christophe Renaud; Produção: Compagnie Nacera Belaza; Parcerias: Kunstenfestivaldesarts/ Charleroi Danse, Centre Chorégraphique de Wallonie - Bruxelles, Festival de Marseille, deSingel, Campus International des Arts, MC93 Bobigny, LUMA Foundation, ICI—Centre Chorégraphique National Montpellier-Occitanie; Direção: Christian Rizzo; L'Arsenal-Cité musicale-Metz, Atelier de Paris/CDCN; Apoios: SACD (Programa duo), Institut Français - Ville de Paris, SPEDIDAM; Apoio: LUMA - Arles Foundation e região Ile-de-France



VÍDEO-PERFORMANCE  
21 A 23 NOVEMBRO  
**GISHER** (ԳԻՉԵՐ)  
GIORGIA OHANESIAN NARDIN

Sala Mário Viegas  
domingo a terça, 19h30  
Duração: 1h30; M/12  
€12 (com descontos)

Texto: Giorgia Ohanesian Nardin; Filmagens: F. De Isabella, Giorgia Ohanesian Nardin; Composição de som e luz: F. De Isabella; Dramaturgia-vídeo: F. De Isabella, Giorgia Ohanesian Nardin; Ambiente de luzes: Giulia Pastore; Perguntas: Kamee Abrahamian, Ilenia Caleo, Taguhi Torosyan; Tradução: Giorgia Ohanesian Nardin, Taguhi Torosyan, Matilde Vigna; Notas de tradução: Clark Pignedoli; Vozes: Kamee Abrahamian, Chiara Bersani, F. De Isabella, Simone Derai, Maddalena Fragnito, Jamila Johnson-Small, Ndack Mbaye, Giorgia Ohanesian Nardin, Raffaele Tori, Taguhi Torosyan; Design editorial: Flo Low; Produção: Giulia Messia; Vídeos: Ghost Theatre, Vahram Galstyan and Repentance; Variation on themes, Pinturicchio and Raphael (dedicado a Vasily Katanyan) de Sergei Parajanov; Agradecimentos: Studio Azzurro, Luca Chiaudano, Yuri D., Valentina Stucchi; Produção: Associazione Culturale VAN, Ministero per i Beni e le Attività Culturali, Regione Emilia-Romagna, Centrale Fies Art Work Space



DANÇA  
25 E 26 NOVEMBRO  
**CUTLASS SPRING**  
DANA MICHEL

Sala Bernardo Sassetti  
quinta e sexta, 19h  
Duração: 1h; M/12  
€12 (com descontos)

Criação e Interpretação: Dana Michel; Dinamizadores artísticos: Ellen Furey, Peter James, Mathieu Léger, Heidi Louis, Roscoe Michel, Karlyn Percil, Yoan Sorin, Alanna Stuart; Consultor de som: David Drury; Desenho de luz e Direção técnica: Karine Gauthier; Produtora: Dana Michel; Produção executiva: Par B.L.eux; Distribuição: Key Performance, Koen Vanhove; Residências artísticas: Centre Chorégraphique National d'Orléans, National Arts Centre, CounterPulse, Dancemakers, da:ns lab, Galerie du Dourven - Passerelle Centre d'art contemporain, Kunstenfestivaldesarts, PAF - Performing Arts Forum, Par B.L.eux, Usine C, Reykjavík Dance Festival, Tanzhaus Zurich; Apoio financeiro: Canada Council for the Arts, Conseil des arts et des lettres du Québec; Apoio: Visiting Dance Artist Program, uma iniciativa conjunta National Arts Centre e Canada Council for the Arts; Coprodução: Arsenic - Centre d'art scénique contemporain, Rosendal Teater, Black Box Teater, Centre Chorégraphique National d'Orléans, National Arts Center, Festival TransAmériques, Julidans, Kunstenfestivaldesarts, Montpellier Danse, Moving in November



DANÇA  
27 E 28 NOVEMBRO  
**VELH@S**  
FRANCISCO CAMACHO

Sala Luis Miguel Cintra  
Sábado e domingo, 16h  
Duração: 1h50; M/12  
€12 a €15 (com descontos)

**LGP** **AD** 28 novembro, domingo, 16h

**28 novembro, domingo: Conversa com os artistas após o espetáculo integrada no programa Dança sem Idade**

Direção artística e Coreografia: Francisco Camacho; Interpretação e Cocriação: Ana Caetano, Bernardo Gama, Carlota Lagido, Filippo Bandiera, Francisco Camacho, Sílvia Real; Música original e Interpretação ao vivo: Sérgio Pelágio; Cenografia e Luz: Frank Laubenheimer; Assistência à direção: Carlota Borges Lloret; Consultoria: Diego Lasio; Técnico de som: Sérgio Milhano; Produção executiva: Teresa Brito, Tiago Sgarbi; Coprodução: Theatro Circo de Braga; Apoio: Dance On (Berlim), Estúdios Victor Córdon (Lisboa), Teatro Gustavo Modena (Génova)

18 A 28 NOVEMBRO 2021  
DANÇA

# ALKANTARA FESTIVAL

Sala Luis Miguel Cintra  
Sala Mário Viegas  
Sala Bernardo Sasseti

19 NOV.  
**L'ONDE**  
NACERA BELAZA

21 A 23 NOV.  
**GISHER** (ԳԻՉԵՐ)  
GIORGIA OHANESIAN NARDIN

25 E 26 NOV.  
**CUTLASS SPRING**  
DANA MICHEL

27 E 28 NOV.  
**VELHOS**  
FRANCISCO CAMACHO

  28 Nov. 16H

APÓS O ESPETÁCULO – CONVERSA COM OS ARTISTAS,  
INTEGRADA NO PROGRAMA DANÇA SEM IDADE

## DANÇA SEM IDADE

18 NOV.  
**SIMPÓSIO SENSIBILIZAÇÃO  
PARA OUTROS CORPOS**

19 A 21 NOV.  
**ATIVIDADES PRÁTICAS –  
NOVOS CONHECIMENTOS**

**Direção Artística** Aida Tavares **Direção Executiva** Ana Rita Osório **Assistente da Direção Artística** Tiza Gonçalves **Adjunta Direção Executiva** Margarida Pacheco **Secretária de Direção** Soraia Amarelinho **Direção de Comunicação** Elsa Barão **Comunicação** Ana Ferreira, Gabriela Lourenço, Nuno Santos **Mediação de Públicos** Téo Pitella **Direção de Produção** Mafalda Santos **Produção Executiva** Andreia Luís, Catarina Ferreira, Marta Azenha, Tiago Antunes **Direção Técnica** Hernâni Saúde **Adjunto da Direção Técnica** João Nunes **Produção Técnica** Margarida Sousa Dias **Iluminação** Carlos Tiago, Cláudio Marto, Ricardo Campos, Sérgio Joaquim **Maquinaria** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **Som** João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Operação Vídeo** João Van Zelst **Manutenção e Segurança** Ricardo Joaquim **Coordenação da Direção de Cena** Marta Pedroso **Direção de Cena** Maria Tavora, Sara Garrinhas **Assistente da Direção de Cena** Ana Cristina Lucas **Camareira** Rita Talina **Bilheteira** Cláudio de Castro, Cristina Santos, Diana Bento